

# LITERATURA INDÍGENA NO SERTÃO BAIANO: VOZES EMERGENTES

Anny Carneiro Santos<sup>1</sup>

Karpio Márcio de Siqueira<sup>2</sup>

## RESUMO

As últimas duas décadas do século XXI trouxeram grandes transformações para as comunidades indígenas no Brasil, a considerar os fluxos interculturais que o Movimento Indígena proporcionou aos povos originários, sobretudo no alusivo a Educação Escolar Indígena e sobre ela a inauguração de um outro canal de comunicação para as práticas de oralidades, a Literatura Indígena. Destarte, esse trabalho almeja apresentar uma pequena amostra dos textos literários produzidos por professoras do Sertão baiano, a pensar, também, os cenários do própSemiárido baiano. Educação Escolar Indígena. Literatura Nativa. Produção Epistêmica no Sertão Baiano. Sociologia das emergências rio sertão, da literatura produzida pelos indígenas e da sociologia das emergências como síntese desse movimento de inauguração da Literatura Indígena. Metodologicamente, situado num cenário qualitativo, vislumbra um objetivo exploratório no sentido de apresentar sistematicamente essa tessitura e explicativo ao pensar no diálogo da L.I com as imagens do sertão, cenas estas analisadas literariamente por um viés indiciário. Dito isto, serão utilizadas as fontes bibliográficas e documentais oriunda de alguns livros produzidos e/ou publicados por esse coletivo de professores. Subsidiaram as conjecturas em pauta, Julie Dorrico ( 2018); Tiago Hakiy ( 2018); Márcia Wayna Kambeba ( 2018); Olívio Jekupé (2018) ; Maria Aparecida Bergamaschi (2012); Graça Graúna (2014, 2016, 2018); Kárpio Siqueira (no prelo); A partir de pequena mostra dos produtos criados pelos escritores/professores indígenas, pudemos ilustrar qual o significado do Sertão para os povos originários do semiárido baiano, ao tempo, em que socializamos um breve olhar as biografias destas escritoras e suas vozes emergentes.

**Palavras-chave:** Semiárido baiano. Educação Escolar Indígena. Literatura Nativa. Produção Epistêmica no Sertão Baiano. Sociologia das emergências

## ABSTRACT

The last two decades of the 21st century brought about great transformations for the indigenous communities in Brazil, considering the intercultural flows that the Indigenous Movement provided to the original peoples, especially in the allusive to Indigenous School Education and on it the

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB - *Campus II Alagoinhas* e *Campus Avançados de Canudos*), Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social pela Fundação Visconde de Cairu; Especialista em Educação e Consciência - ISEO e Estado e Direito dos Povos e Comunidades Tradicionais-UFBA; Graduada em História - UCSAL; Pesquisadora do OPARÁ/UNEB (Centro de Pesquisa em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação); membro do grupo de pesquisa GPLIN- Grupo de Pesquisa Letramentos, identidades e narrativas - UNEB - *Campus II Alagoinhas*; Formadora da Ação Saberes Indígenas na Escola - no Território Etnoeducacional Yby Yara UNEB/MEC - formação continuada para professores da Educação Escolar Indígena. E-mail: [santosannyc@gmail.com](mailto:santosannyc@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor assistente da Universidade do Estado da Bahia UNEB - *Campus VIII, Paulo Afonso*. Coordenador do UBUNTU - Núcleo de Estudos e Pesquisa Contextualizada Aplicada à Produção de Dispositivos Didáticos, e líder do Grupo de Pesquisa CNPQ - UBUNTU - Educação Contextualizada, Processos Teóricos, Metodológicos e Tecnológicos Aplicados à Produção de Dispositivos Didáticos Coordenou projetos de pesquisa em ensino pelo PIBID/Diversidade da Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena - LICEEI, coordenada ainda, projetos de pesquisa e extensão voltados para a produção de material didático no contexto da Lei 11.645/08 com alvo na história e cultura dos povos indígenas e negros. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB). Pesquisador do OPARÁ/UNEB (Centro de Pesquisa em Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação). E-mail: [karpio\\_siqueira@yahoo.com.br](mailto:karpio_siqueira@yahoo.com.br)

inauguration of another channel of communication for oral practices, Indigenous Literature. Thus, this work aims to present a small sample of the literary texts produced by teachers from the Sertão of Bahia, also thinking about the scenarios of the sertão itself, the literature produced by the indigenous people and the sociology of emergencies as a synthesis of this movement of inauguration of Indigenous Literature. Methodologically, situated in a qualitative scenario, it envisages an exploratory objective in the sense of systematically presenting this texture and explanatory when thinking about the dialogue of the LI with the images of the sertão, scenes that are analyzed literarily by an evidentiary bias. That said, bibliographical and documentary sources from some books produced and/or published by this collective of teachers will be used. The conjectures on the agenda were supported by DORRICO, Julie (2018); HAKIY, Tiago (2018), KAMBEBA; Marcia Wayna (2018); JEKUPÉ, Olívio (2018); BERGAMASCHI, Maria Aparecida (2012); GRAÚNA, Graça, (2014, 2016, 2018); SIQUEIRA, Kárpio (no prelo). From a small sample of the products created by the indigenous writers/teachers, we were able to illustrate the meaning of the Sertão for the native peoples of the semi-arid region of Bahia, while sharing a brief look at the biographies of these writers and their emerging voices.

**Keywords:** Bahia semi-arid region. Indigenous School Education. Native Literature. Epistemic production in the Sertão Baiano. Sociology of emergencies

## INTRODUÇÃO

No trilhar da produção literária indígena pesamos as contribuições da Educação Escolar Indígena e do Movimento Indígena como balizadores do fortalecimento da identidade e de outros modos próprios de falar de si pelos povos indígenas. É uma construção epistemológica combativa a uma cultura hegemônica que nega a presença e as vozes dos povos originários.

A partir do anunciado, este texto se manifesta no intuito de apresentar uma pequena amostra do texto literário indígena do sertão baiano como um rastro literário que emerge das vozes de professoras indígenas. Nessa percepção, ambicionamos: (a) apresentar o Sertão na perspectiva

poética indígena; (b) Trazer os conceitos da Literatura Indígena para o Indígena e (c) refletir sobre a sociologia das emergências.

No prisma metodológico, por se tratar de um extrato de pesquisa, majoritariamente qualitativa, assumimos a origem documental (escritos de professores indígenas), bibliográfico como fonte primária dos estudos. Na trilhar da captação de dados, o fichamento de citação fortaleceu a sistematização das informações, e no campo do tratamento das informações, destacamos a análise textual literária como dispositivo investigativo banhada no método indiciário.

Destarte, tomamos certamente uma obra de referência máxima da Teoria da Literatura Indígena Brasileira, organizada por três pesquisadores: Leno Francisco

Correia, Heloisa Helena Siqueira, e Julie Dorricó, pesquisadora Indígena, que estruturam em 2018 a obra “*Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*” obra que conta com 20 capítulos ilustrados por escritores indígenas e pesquisadores do tema.

No intento de apresentar o resultado desta pesquisa, seguimos o seguinte percurso: (1) O Sertão: uma visão poética indígena; (2) A Literatura Indígena para o Indígena e (3) A sociologia das emergências na construção de um coletivo literário indígena no sertão baiano.

### **O Sertão: uma visão poética indígena**

Elegemos iniciar as reflexões pelo “Conceito de Sertão”, com o intuito de traçar um caminho reflexivo sobre como o Sertão é compreendido enquanto conceito. Não escolhemos ser imparciais, pelo contrário, colocamos muita paixão ao analisar e levar ao debate o conceito de Sertão.

O debate foi inaugurado com a análise e descrição da vegetação que compõe o bioma do Sertão e que faz parte do nosso imaginário afetivo, acadêmico, profissional e científico, que corrobora totalmente com a reflexão da professora

Maria José de Rezende que ao descrever as plantas do sertão, amparada nas descrições de Euclides da Cunha, afirma:

[...] aquelas que unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentaram-se. São deste número todas as cisalpinas e as catingueiras” (Cunha, 1995, p. 53). A resistência dessas plantas assemelhava-se à resistência dos sertanejos que se mostraram capazes, no decorrer dos séculos, de sobreviver a todas as diversidades físicas. (REZENDE, 2001, p.204)

Euclides da Cunha apresenta a paisagem física derivada da compreensão da paisagem social, esta última é que fundamenta as suas reflexões sobre aquela primeira. Em várias páginas, de sua clássica obra ele demonstrava a degradação no plano físico a partir da degradação social, assim, compreendemos que ele muitas vezes está falando das condições sociais e políticas nas entrelinhas quando se trata da terra. A ideia de força e de violência aplicada à constituição da paisagem física tinha fundamento na paisagem social. Rezende (2001, p.204) afirma:

Euclides da Cunha demonstrava que não era de quaisquer elementos místicos que vinham das resistências dos sertanejos. Ela se originava de sua vivência fundada em uma situação física (clima, topografia etc.) e social (miséria, fome, sede, solidão, angústia) excessivamente violenta sobre todos os aspectos.

As citações anteriores anunciam e ratificam também a nossa concepção de Sertão que perpassa por conceitos Sociológico, Literário, Antropológico, Histórico-geográfico, Sonoro e Cartográfico (Cartografia Social dos Povos Indígenas do Nordeste) que interligados respondem às nossas condições geográficas, topográficas, sociais, raciais e culturais de *Ser do Sertão* e *Estar no Sertão* nos tornando cientistas e abrindo espaços em nossos estudos para compreender os mundos sertanejos e especificamente o mundo do indígena no Sertão e suas representações na Literatura contemporânea.

As reflexões realizadas durante essa discussão se aproximaram do conceito apresentado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, destacado por Resende (2001, p.201) da seguinte forma “Aparentemente a obra *Os sertões* estaria seguindo uma linearidade que vai da terra para o homem e para a cultura” [...], “sabemos dos sertões pouco mais além da sua etimologia rebarbativa” (CUNHA, 1966a, p. 135 apud RESENDE 2001, p.205). Não estamos nos apegando ao conceito literal apresentado por Euclides da Cunha, mas sim buscando e nos apoiando nas afirmativas para ressignificar, a partir do nosso olhar e vivência, o conceito de Sertão, e como essa

noção se manifesta na escrita literária dos escritores indígenas. Vejamos algumas imagens poéticas do Sertão pelo olhar dos povos originários:

### **Índio do Sertão**

(América Kiriri)

O índio do sertão  
 Vive da plantação  
 Prepara a roça e espera  
 A chuva cair  
 Quando o inverno é bom  
 Tudo o que se planta dá  
 Não se usa agrotóxicos  
 Confia sempre na sorte  
 E no nosso pai Tupã  
 ( no prelo)

A poesia criada por América Kiriri, que traz uma ideia de um Sertão como terra fértil “Vive de plantação/ prepara a roça e espera”, a pensar também essa paisagem sob o viés da mutação, uma dicotomia entre a imagem solar e a chuva, “sertão” e “chuva”; localizando o sujeito indígena nesse espaço metamórfico que luta contra a noção capitalista da terra “não se usa agrotóxico”, mas dedica a sua fé aos encantados “nosso pai Tupã”.

### **Umbuzeiro fruto do sertão**

(Cecília Tumbalalá )

Vou falar desse lugar onde a beleza faz morada

o sol brilha o ano inteiro  
e as estações acontecem com perfeição,

Cada fruta tem sua época,  
ai como é bom morar no meu sertão

Tem os umbuzeiros que da terra seca

Dos seus galhos bróia as flores

Na espera da chuva que em meados de fevereiro

do umbu sentir seus sabores

\*

( no prelo)

As paisagens construídas pelos povos da terra circundam as próprias vivências com o semiárido, estão nelas as marcações do tempo, “ano inteiro”, “estações”, “sua época” e “meados de fevereiro”; os depoimentos “vou falar desse lugar”, a vegetação “fruta”, “umbuzeiros”, “galhos bróia as flores” e “umbu”; e mais uma vez a fé na natureza “na espera da chuva em meados de fevereiro”.

Sobre estes espelhos o povo Tupinambá diz que

não há como conceber um povo indígena sem terra. A relação que temos com a terra transcende qualquer relação que um não índio tem com sua casa ou sua cidade natal. A terra para nós não é uma propriedade que tem um valor monetário e pode ser vendida. Não se vende sentimento, amor, memória. Em respeito a esta memória de nossos antepassados, hoje, mesmo passados 512 anos de opressão, continuamos lutando pelo

nosso direito ancestral, pela nossa Mãe Terra. (2012, p.13)

Ainda nessa construção que envereda a Mãe Terra, o poema de Juliana Pankararé “Terra do Sertão” nos oferta os desenhos da cosmologia indígena, “ciência”, “tradição” e “inspiração”; da força dos povos originários “força que existe” e “ enraíza o coração”; da contribuição que a terra dá para a subsistência do povo indígena, “o alimento que vem” e “com abundância na mesa”; da manifestação da fé , “mistério”, “milagre” e “grandeza” e da relação de inteireza entre a natureza e o homem, “com o dom” e “o coração”.

### **Terra do Sertão**

(Juliana Pankararé)

Venho por meio deste poema,  
Falar de um tema.  
Falar da terra do nosso Sertão.  
Terra rica de mistério,  
Onde sempre se pergunta,  
Do milagre e da grandeza,  
Que possui este chão.  
Pois dele vem a força que existe,  
E que se enraíza no coração.  
E também o alimento que vem ,  
Com abundância na mesa,  
Assim quando chega a chuva  
Para molhar este chão.

E nós indígena, que sente e ver,  
Essa terra com o dom e o coração.  
Busca sempre manter nela a essência da sua  
ciência e tradição  
Porque é dela que vem a sua inspiração.

Confabulando com as imagens do  
texto de Juliana, Claudio Luiz Orço e  
Reinaldo Matias Fleuri discorrem sobre  
esse desenho identitário na literatura  
indígena, ao dizer que

Os povos indígenas têm uma vasta riqueza  
de conhecimentos relativos a seu ambiente,  
construídos ao longo dos séculos, incluindo  
informações sobre diferentes espécies de  
animais e plantas, seus comportamentos e  
utilidades, aspectos do universo e como se  
interrelacionam. Para os povos indígenas, o  
conhecimento é **simultaneamente  
material e espiritual** e os seres humanos  
não estão separados daquilo que os povos  
não índios concebem como o “mundo  
natural”. (ORÇO; FLEURI 2010, p.341, grifo  
nosso)

A luta dos povos da terra é impressa  
em todos os movimentos que suas  
comunidades fazem em torno da  
manutenção das identidades, dos contornos  
que trajam na Educação Escolar Indígena,  
do próprio Movimento Indígena e de todos  
os fluxos que perfazem essa empreitada  
pela vivência da tradição, na construção de  
imagens tanto materiais quanto espirituais  
no seu posicionamento acerca do mundo.

### Índios guerreiros do sertão

(Ângela Kiriri)

Tentaram nos apagar da história

Esqueceram que somos

Índios guerreiros do sertão

Povo Kiriri

Raízes firmes desse torrão

Regado a muita fé e devoção

\*

Felicidade é sentir

O cheiro de terra molhada

Ver brotar sementes de esperança

Memórias de uma eterna criança

Sertão regado a beleza

Somos parte da natureza

Filhos dessa nação

( no prelo)

Esse olhar outro sobre si denota aos  
povos da terra toda a insistência em  
permanecer, em ser por si mesmo a mais  
célebre referência de vida e de história, ao  
tempo que vislumbra em seus embates à  
resistência, o grito, a crença, a  
ancestralidade, um modo sujeito de ser  
indígena do Sertão.

Para refletir sobre o poema Kiriri,  
Maria Nazaré dos Santos Pankararu (2012,  
p.56) reflete que

o nosso Mundo Encantado é carregado de  
valores e conhecimentos. Assim, nossa  
memória viva representa o maior legado  
deixado por nossos ancestrais. A memória é  
um tesouro que guarda e carrega nossas  
vivências com o poder de multiplicar os  
ensinamentos expressos através do nosso

jeito de ser e de viver. É como um diálogo entre o conhecimento e a prática cultural tradicional.

A Literatura Indígena reafirma o compromisso dos povos originários com o universo natural, e amplia o olhar a um mundo “encantado” que se baliza nas práticas tradicionais, na memória e nas existências coletivas, considerando a relevância desses desenhos literários para uma expressão de visão de mundo de maneira própria, combativa a imagens errôneas e minimalistas sobre o modo de ver o mundo dos autóctones.

### **A Literatura Indígena para o Indígena**

A literatura indígena é uma flecha que voa em várias direções (Ademário Ribeiro)

A literatura indígena tem o papel de conscientizar a sociedade (Olívia Jekupê)

A literatura é o Ativismo Indígena (Márcia Kambebê)

As falas indígenas que utilizamos para iniciar as reflexões sobre o papel diversificado da Literatura Indígena na contemporaneidade anunciam nas entrelinhas a correlação entre autoria, autonomia e ativismo que são conceitos e espaços democráticos de construção e fortalecimento de saberes e que conforme Danner, Danner e Dorrico (2020, p.354),

“têm caráter pedagógico para si e para a sociedade brasileira”.

Utilizamos um tempo da discussão para refletir sobre o que significa e qual a importância para a Literatura Indígena do que compreendemos como “Caráter Pedagógico” e nos apoiamos em algumas discussões. Uma delas foi o Texto do Professor doutor Wander Mello Miranda que apresenta a compreensão de Nação como uma narrativa, uma soma aberta que cabe o Sertão e as Culturas, desta forma para o autor, narrativa pedagógica trata-se de “representações do nacional imposta de forma autoritária pela via pedagógica” (MIRANDA, 1998, p.11), com imagens de memória e imagens de nação. Miranda (1998) trata, no artigo citado, da concepção de nação que é construída e disseminada de forma autoritária em prol de interesses minoritários, ou seja, a Nação é uma narrativa pedagógica de imposição.

As reflexões de Danner, Danner e Dorrico (2000) aproximam-se das discussões de Miranda (1998), com uma nova forma de observar e compreender o caráter pedagógico pela perspectiva indígena. Este é posto por esses autores como um processo de autoria que utiliza da literatura como instrumento político-

pedagógico que “matura a autonomia e a autorreflexão pessoal-grupal [...] que serve de plataforma político-pedagógica para o enquadramento democrático” das histórias indígenas e culturas hegemônicas, rompendo desta forma com o conceito, ideia e compreensão da nação, enquanto narrativa pedagógica de imposição e inaugurando o conceito como ferramenta de autoria, autonomia e ativismo por meio da Literatura Contemporânea, ultrapassando os limites impostos pela colonização epistêmica. Kambeba (2018, p.39) confabula com nossas ideias, ao dizer que

passaram-se os anos, os povos conheceram a escrita e ela tornou-se uma ferramenta importante na luta pela manutenção da cultura indígena, facilitando o registro dos conhecimentos que até então eram transmitidos pela oralidade. Com a escrita nasce a “literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência.

Em correspondência a esse movimento de escrita destacamos, Miglievich-Ribeiro que faz discussão acerca da sociologia das ausências, sociologia das emergências, teoria crítica pós-moderna “que retoma a esperança pelo exercício da tradução e comunicação das alternativas locais para uma inédita globalização que expresse a força das resistências e de suas experiências de bem viver”.

O bem viver para os povos indígenas é o direito de decidir sozinho quem são, como são e desejam viver, assim ressaltamos que o objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças, que para nós é o principal objetivo da literatura indígena pelos indígenas.

Ai está o papel da literatura indígena, produzida por escritores indígenas, que nasceram dentro da tradição oral, que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento. Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários. (HAKIY, 2018, p. 38)

Para os povos originários, os contadores de histórias tiverem e tem o seu papel primordial dentro das comunidades, são os agentes do conhecimento, neles e por eles trilha o transporte da tradição para as gerações futuras, é no centramento das práticas orais que modulam a educação indígena, e ante as sociedades não indígenas, esse mesmo movimento de transmissão dos saberes se configura, agora, a partir das práticas de escrita, constituindo a Literatura Indígena, como



imagem/identidade/discurso dos povos da terra, como forma de remeter ao palco sociocultural vozes emergentes no coletivo literário nacional.

### **Sociologia das emergências na construção de um coletivo literário indígena no sertão baiano**

Todos os contos que eu lia eram sempre escritos pelos não indígenas, e isso me deixava preocupado e triste. Mas um dia teríamos nossos contos, escritos por mim e por muitos outros indígenas do Brasil. Aliás, um dos contos de que eu gostava muito tinha o título de A morte de Ângelo Kretã. Por sorte tive a oportunidade de publicar numa revista chamada Mensageiro, no Pará; fiquei feliz quando a vi em minhas mãos. A história que conto é de um líder indígena kaingang que foi assassinado brutalmente; os culpados nunca foram punidos. Por isso eu vejo a escrita como uma grande arma e nós indígenas devemos usar essa arma do branco em nosso favor. (JEKUPÉ, 2018, p.47)

Ponderando o depoimento acima, nessas lacunas se constituiu a emergência de ocupação de outros lugares ainda cerceados pelas sociedades não indígenas, em que busca no silenciamento das minorias o fortalecimento de uma ótica hegemônica de produção cultural.

Em vista disso, a sociologia das emergências consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concreta.

Spivak (2011) em seus estudos e apontamento complexos, destaca que pensar a teoria crítica deve ser prática intervencionista como bem define “Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do (a) colonizadora(a) (SPIVAK, 2011).

Trouxemos ao debate a sociologia das ausências e a sociologia das emergências pelo fato de a Literatura Indígena ser feita pelos indígenas e atendendo a interesses particulares das suas nações, a interesses comunitários e assim como destacam Danner, Danner e Dorrico (2000, p.369):

Essa perspectiva estético-literária indígena, nesse sentido, representa a atuação política e a vinculação sociocultural dos/as indígenas, desde uma voz-práxis direta a partir de sua condição e de sua causa.

Para toda a história de conquistas indígenas, seja de âmbito de legislação, territorial, organização política, educacional e dentre tantas outras conquistas, o ano de 1980 é reconhecido como marco histórico para os povos. Ano que foi publicada a primeira obra de autoria indígena, intitulada *Antes o Mundo não Existia*, de Umúsin Panlõn & Tolamã Kenhíri,

pertencentes ao povo Desâna, do Alto Rio Negro/AM e a partir desse marco testemunhamos até hoje a crescente produção editorial de Literatura indígena que têm ganhado força e espaço por meio dos cursos universitários para indígenas, como é o caso da produção literário no Sertão da Bahia.

Na Bahia especificamente, identificamos uma literatura Indígena que se apresenta em língua portuguesa e raramente bilíngue ou em língua materna, com gêneros variados, como relatos de modos de vidas, histórias vividas e contadas nas aldeias, narrativas tradicionais coletivas, o que se relaciona diretamente ao que Ribeiro (2020) afirma em entrevista:

Uma característica de boniteza da literatura indígena é de que ela não apenas apresenta o indivíduo que escreve como também o coletivo e nessa escrita veem o amor e lida com a Terra-Mãe, a ancestralidade, a cosmogonia, a medicina, os valores da cultura, a caça e a pesca, as artes, os trabalhos manuais e os sonhos numa conexão com os entes visíveis e invisíveis, espíritos, águas e céus – num diálogo cotidiano, sem separação (Informação Verbal)

Desta forma consideramos a Literatura Indígena teórica e acadêmica e identificamos espaço na academia, principalmente na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, na ciência, na luta e no Bem viver, como explícita Graça Graúna,

[...] o jeito de viver dos povos indígenas vence o tempo: a tradição literária (oral, escrita, individual, coletiva, híbrida, plural) é uma prova dessa resistência. (2013,p.15)

A Literatura Indígena no Sertão da Bahia segue a mesma linha teórica, política e cultural do contexto nacional na contemporaneidade, trata-se de uma literatura que busca em suas linhas escritas e orais recontar e refazer o Ser Indígena em um espaço físico que em seu conceito histórico foi castigado por preconceitos sócio-político-culturais.

Como destacamos, a Literatura Indígena é ferramenta política de resistência e que se caracteriza no Sertão com Literatura oral (contos, mitos e causos) - narrativas orais, Literatura de Documentação Didática – Cultural (narrativas e poemas) - Textualização Didática e Literatura Intercultural (textos literários multimodais) que retrata bem o cenário contemporâneo que se unem em um foco de descolonização de memórias e modos de vida.

Outro aspecto extremamente relevante que circunda esse tema, é a literatura construída por professores indígenas para o uso na escola indígena.

Comprendemos que cada povo ou cada comunidade indígena **confere sentidos**

**próprios à escola, apropriando-se dela e tornando-a também sua.”**  
(BERGAMASCHI, 2012,p.48, grifo nosso).

Assim, entendemos que,

a escola é o principal espaço de construção dos projetos de povo das comunidades e quando analisamos as literaturas construídas nesse e para esse espaço escolar percebemos claramente o caráter pedagógico dessas obras [...] uma obra pode ser considerada como filosofia num século, e como literatura no século seguinte, ou vice-versa, também pode variar o conceito do público sobre o tipo de escrita considerando como digno de valor. Até as razões que determinam a formação do critério de valioso podem se modificar. (EAGLETON, 2003, p.15)

Evidenciando assim, o caráter pedagógico decolonial da Literatura Indígena na contemporaneidade. A narrativa pedagógica tem como objetivo romper com aspectos conservadores, racistas que invisibilizam as nações indígenas, tal qual seus sujeitos escolheram ser, uma ruptura clara com a subalternidade e estruturas rígidas colonizadoras.

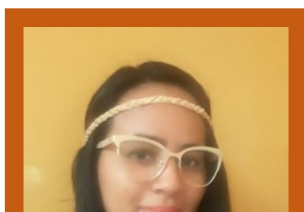
A Literatura Indígena além de autoria, autonomia e ativismo é uma narrativa pedagógica de descolonização da Teoria Literária na contemporaneidade e ferramenta de afirmação de identidades, histórias, modos de vida e Projetos de Povo. Destacamos a seguir essas autorias no Sertão baiano:

Figura 1- Adaljiza Kaimbé

Fonte: Acervo Opará

Do Povo Kaimbé temos, **Maria Adaljiza Xavier Santos** nascida na aldeia Massacará, no município de Euclides da Cunha, “Tive uma infância muito feliz apesar de ser de família humilde nunca cheguei a passar necessidades, fui criada com três irmãos, meus avós maternos e minha mãe, esta nunca mediu esforços para o bem estar de seus filhos.” Sobre os estudos ela diz que “ Comecei a estudar aos 7 anos de idade, era a idade mínima da época para iniciar os estudos, recordo-me com muito entusiasmo dos tempos em que estudava no Centro Educacional D. Jackson Berenguer Prado, tenho as mais belas lembranças dos professores que fizeram parte da minha vida, bem como dos demais funcionários e colegas”.

Atualmente, é professora do Centro Educacional D. Jackson Berenguer Prado e ainda diz que “curso a Licenciatura



Intercultural em Educação Escolar Indígena. É um curso muito importante para nós povos indígenas onde é feito de acordo com a nossa realidade, dos povos, das aldeias, das escolas...Sempre em parceria com as escolas e buscando valorizar a cultura, educação e identidade dos indígenas”.

A professora Adaljiza Kaimbé escreve poemas sobre o seu povo, sua história e imagens do território na aldeia Massacará.

Figura 2 - Ângela Kiriri



Fonte: Acervo Opará

Do Povo Kiriri Mirandela, realçamos a figura de **Ângela da Cruz Batista** Indígena da Etnia kiriri - aldeia Marcação, município de Banzaê-BA, “sou filha de América Jesuína da Cruz Batista e Olavo de Jesus Batista, tenho dois irmãos, nasci no ano de 1989. Nasci e me criei em uma pequena aldeia no território indígena Kiriri, cujo nome Baixa da Cangalha.”

Com a vida recheada de lutas, Ângela destaca que

Em 1998, tive uma pausa nos estudos, devido a última retomada do território, na Aldeia Marcação, para onde eu e minha família nos mudamos e pouco tempo depois, com o fim dos conflitos novamente pude retornar aos estudos, na antiga Escola Rui Bacelar, onde cursei até a 4<sup>a</sup> série. O fundamental II ao ensino médio, cursei na cidade de Banzaê.

No ano de 2014, consegui passar na seleção do Reda [Regime Especial de Direito Administrativo], e retornei para sala de aula, pois o período em que estive afastada me sentia como “um pássaro preso, sem poder voar”, lecionei no Colégio Estadual Indígena José Zacarias, durante o período de quase quatro anos e no ano (SIQUEIRA, no prelo)

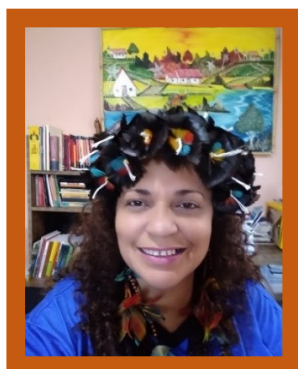
Ângela tem a escrita como referência dos trabalhos produzidos por sua Mãe, América Kiriri, que também é professora e escritora. Acerca da docência ela esclarece que, “em 2018, tive a oportunidade de retornar a dar aula na Aldeia Marcação naquele corrente ano aconteceu o vestibular da LICEEI, era a oportunidade de poder conseguir uma vaga na Universidade e cursar a Licenciatura em Educação Escolar Indígena, estudei bastante, tinha esperança de conseguir passar.” Os desdobramentos desse ingresso são apresentados na seguinte fala:

A LICEEI, é um sonho ao qual quero poder concretizar, desde a primeira vez em que pisei meus pés dentro da Universidade, tive a certeza de que não estou sozinha, a luta é árdua, sei que sou parte e a continuidade da

luta de meus antepassados, a LICEEI, o Opará, abriu portas aos povos indígenas, podemos e temos a autonomia de levar para dentro da Universidade, e mostrar verdadeiramente quem realmente somos, poder mostrar os relatos da nossa vivência na aldeia, personagens reais do povo, bem como pisar o nosso trupelo, ter a oportunidade de ver o indígena ocupando os espaços, onde geralmente a maioria é ocupado pelo não-índio, ter professores indígenas dentro da Universidade, conviver, aprender e partilhar conhecimentos com outros povos. (SIQUEIRA, no prelo)

A escritora hoje, produz poemas, narrativas, voltados para a história do povo, suas tradições e território, ainda se debruça em escrever sobre imagens da infância e da crença indígena kiriri.

Figura 3 – Cecília Tumbalalá



Fonte: Acervo Opará

A contribuição do povo Tumbalalá vem pela história de Cecília Lopes Marinheiro, ao se anunciar, “O nome Cecybuyé é do dzubukuá, dialeto linguístico do meu povo Tumbalalá, que quer dizer grande mãe e assim tornei-me essa mulher, grande, protetora e fértil nas lutas. Meu nome é **Cecília Lopes**

**Marinheiro**, tenho 44 anos, sou mãe de Isaque e Samy, nascida no terreiro da aldeia do Povo Tumbalalá”.

Tendo seu território indígena localizado entre os municípios de Abaré e Curaça ao norte da Bahia, a escritora fala desse lugar de pertencimento

[...] lá estava eu, Cecybuyé (nome indígena) uma menina que desde pequena era curiosa e interessava-me pelas histórias de minha vó Lourdes, pela criatividade de vó Nonata e principalmente de brincar e estudar, ainda pequena, tive que sair da aldeia para estudar, pois lá só tinha até a 4ª série, ia morar nas cidades mais próximas e sempre que podia voltava durante as férias. (SIQUEIRA, no prelo)

*Cecybuyé* já atuou como professora indígena no Colégio Estadual Indígena Santo Antonio do Pambu por mais de dez anos, formadora da Ação Saberes Indígena na Escola e pesquisadora OPARÁ. Atualmente, ela é pedagoga efetiva da rede municipal de educação de Abaré – Bahia, sobre sua formação ela diz “Estou cursando uma segunda graduação, a licenciatura intercultural indígena e esta resolvi fazer em detrimento da pauta indígena. Também fiz algumas especializações como psicopedagogia na Universidade Estadual de Pernambuco, e histórico crítica dos conteúdos pela UFBA.”

A escritora é uma grande contribuidora na revitalização da Língua do seu povo, estudiosa do *dzubukuá*, dialeto linguístico do povo Tumbalalá, ela entende

a importância da inserção dessa língua nas produções literárias que chegam a sua comunidade.

Do povo Pankararé recorreremos a **Juliana Xavier Feitoza**, que afirma,

Ser indígena e descendentes dessas raízes é ter em mãos uma missão, da qual nos faz ser o que somos. E, ao falar isso, também passo a referi-me sobre tudo que veio antes de nós, como, por exemplo, a nossa ancestralidade. Pois os nossos antepassados fortalecem as nossas lutas diante a tantos obstáculos que surge na busca por direitos, respeito e principalmente igualdade apesar das especificidades de cada um e cada povo. (SIQUEIRA, no prelo)

Figura 04 - Juliana Pankararé



Fonte: Acervo Opará

A escritora pertencente a comunidade indígena Brejo do Burgo Aldeia Pankaré, município de Glória -BA, é casada e tem um filho. Quanto as experiências da sua formação, após conclusão do Ensino Fundamental e Ensino Médio no Colégio Estadual Ângelo Pereira Xavier, ela recebeu um convite especial,

Assim que surgiu a oportunidade de ingressar em um curso superior, não pensei muito e corri atrás deste sonho. E com as graças dos céus, alcancei e estou cursando a LICEEI - Licenciatura Intercultural de Educação Escolar Indígena, na área de Linguagens e Artes, área do conhecimento que muito me interessa e que acredito que pode contribuir com a minha formação e como agente de transformação em minha comunidade. (SIQUEIRA, no prelo)

A transformação na qual Juliana se refere, dar-se também pelo ato de produzir poemas e narrativas curtas, ela ainda se dedica ao estudo dos toantes da sua comunidade e de que maneira esses toantes representam a história, sentimentos e lutas do povo Pankararé. Juliana tem nas suas produções os temas de terra, animais, ritos, encantados e aldeia.

Sobre essas produções do chão da aldeia, Kambeba nos traz a reflexão,

Não se faz narradores ou contadores de histórias na aldeia, eles já nascem sabendo narrar, porque aprenderam com a vivência dos mais velhos e com a experiência do conhecimento da mata. Há uma grande vontade de registrar memórias, mas onde se encontra a maior parte dessas literaturas? Estão nas aldeias, em cadernos de anotações guardados em armários. Muitos indígenas escrevem, mas poucos são os que conseguem fazer essa literatura circular, chegar nas grandes editoras e livrarias. A maioria desses escritos fica apenas no papel e os escritores na invisibilidade de sua obra. (2018, p.42)

A produção literária dessas escritoras é impulsionada pelas demandas de uma escola diferenciada e que está em processo de ressignificação, a tomada de

posicionamento dos professores e professoras indígenas para a construção de uma Educação Escolar Indígena que de fato contribua para as comunidades perfaz-se, sobretudo, no modo como os próprios povos originários se veem e dizem de si. Esse percurso traduz-se pelo discurso oral ou escrito e as marcas de identidade que são impressas nele.

### Conclusões

Identificamos coletivamente e amparados a teóricos estudados para a construção dessa reflexão, que a Literatura Indígena na contemporaneidade é de autoria indígena que levam nomes de povos, como por exemplo as obras de Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Graça Graúna, que demarcam o território literário ao assinar com seus nomes indígenas, aspecto que é de extrema relevância considerando o histórico de negação dos nomes ancestrais que os povos indígenas enfrentam, assim a primeira característica da literatura indígena na contemporaneidade é a assinatura da autoria com nome do povo e nome ancestral que o autor carrega. Desta forma concluímos que a Literatura Indígena é exclusivamente construída por sujeitos indígenas.

Desse modo, a partir da década de 1990 as obras de autoria indígena foram ficando mais acessível, e tivemos a possibilidade de conhecer as características do sistema literário indígena, obras como *Literatura Indígena Brasileira Contemporânea, volumes 1 e 2*, para aprofundarmos acerca do sistema literário indígena, em suas características próprias e principalmente narrativa pedagógica clara e intencional.

Para encerrar essas poucas páginas deixaremos que os próprios indígenas falem, pois, buscamos nesse curso descolonizar metodologias, teorias, sistemas e corroborando com Smith (2018, p.15) “Em outras palavras, a pesquisa não é um exercício acadêmico inocente ou distante, mas uma atividade que tem algo em jogo, subsidiada por um conjunto de condições políticas e sociais.

Toda vez que vou discutir folclore a partir da apropriação cultural de propriedades intelectuais indígenas, e lembro que a literatura brasileira é fundamentalmente racista, recebo o argumento do anacronismo. Explico primeiro porque a literatura brasileira não é isenta de racismo, ao contrário, é a produtora da outridade, a força motriz do racismo. São as obras ditas brasileiras que criam e criaram imagens desumanizantes para - no nosso caso aqui - os sujeitos indígenas. Tais imagens mantêm-se como atuais, a do bom selvagem, do canibal, do desleal, do sem caráter, do preguiçoso, então o que está acontecendo

com o anacronismo que deveria ter ficado nos séculos XIX e XX? (Julie Dorrico)

Em consonância, a pauta da Literatura Indígena aqui ilustrada, podemos dizer que é um fenômeno em ascensão dos povos originários ao tempo que também se configura como uma ferramenta de combate ao silenciamento imposto pela ótica ocidental de mundo. Estão nesses repertórios literários, mecanismos próprios de (des)construção e construção de imagens dos povos

originários, baseando-se em sua cosmovisão de mundo.

Os nascimentos dessa Literatura Indígena do Sertão já inauguram um cenário de subversão. Desse modo, a Literatura é mais do que uma situação de escrita aos povos indígenas; é mais um artifício de empoderamento das comunidades face às imposições ocidentais, ele é, ainda, a “diluição de fronteiras”, a articulação com lugares outros e não-indígenas.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Interculturalidade nas práticas escolas indígena e não indígenas. (In) PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela (org). **Povos Indígenas e escolarização**: discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 43 -72.

DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: autoria, autonomia, ativismo [recurso eletrônico] / Julie Dorrico, Fernando Danner, Leno Francisco Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.



GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HAKIY, Tiago. Literatura indígena – a voz da ancestralidade. (In) DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p.37-38.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (ORG) Tomaz Tadeu da Silva. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JEKUPÉ, Olívio. Literatura Nativa. (In) DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. P.45-50.

KAMBEBA, Márcia Wayna. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. (In) DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. p.39-44.

POMPA, Cristina. História de um desaparecimento anunciado: as aldeias missionárias do São Francisco, séculos XVIII-XIX. In: PACHECO DE OLIVEIRA, João. **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p.267-292

REESINK, Edwin. O coração da aldeia: a ilha, dominação interétnica, expropriação territorial histórica e “invisibilidade” dos Kaibém de Massará. In: PACHECO DE OLIVEIRA, João. **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011. p. 513-546.

REZENDE, Maria José de. **Os sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 201-226, novembro de 2001

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. (Org). **Contos outros do sertão da Bahia** (memórias autobiográficas indígenas. Paulo Afonso, Opará. (No prelo)

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Tradução Roberto G. Barbosa. - Curitiba: Ed. UFPR, 2018

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.